

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Folha Web (https://www.folhabv.com.br)	Boa Vista	Cidade	12/01/2018

Boa Vista/Roraima - 11 de janeiro de 2019

VENHA TRABALHAR COM A GENTE

ASSINE JÁ

encontre na folhabv.com.br

COLUNAS BLOGS CIDADES ESPORTES POLÍCIA POLÍTICA VARIEDADES SAÚDE RÁDIO FOLHA FOLHA DIGITAL FALE CONOSCO

AGRONEGÓCIO E EMPRESARIAL

Bancos afirmam que questões energéticas são entreva para RR

Bancos avaliam o ano de 2018 como positivo nos números de investimentos mesmo com cenário financeiro e questões básicas como entraves; este ano, expectativa é dobrar valores

Por [Ana Paula Lima](#)

Em 12/01/2019 às 08:00



Somente em 2018, o Banco da Amazônia investiu mais de R\$ 54,6 milhões no Estado. Desse valor, R\$ 48,7 milhões foram destinados para Boa Vista e R\$ 5,8 milhões para Caracarái (Foto: Nilzete Franco/Folha BV)

O aumento no número de investimentos em Roraima demonstra a confiança no crescimento socioeconômico do Estado. Nos setores de agricultura familiar, agronegócio e empresarial, tanto em médias quanto em microempresas, os valores aplicados por instituições bancárias ultrapassaram as expectativas e tendem a continuar em crescimento.

Somente em 2018, o Banco da Amazônia investiu mais de R\$ 54,6 milhões no Estado. Desse valor, R\$ 48,7 milhões foram destinados para Boa Vista e R\$ 5,8 milhões para

Caracaráí. Em comparação com o ano anterior, os investimentos da instituição ficaram em uma média de R\$ 30 milhões.

Para o gerente geral interino do banco, João Ximenes, o agronegócio tem mostrado grande relevância nos investimentos roraimenses, porém ainda ficou atrás dos empréstimos feitos para empresas privadas. Para a agricultura, o cálculo feito apontou que foram, em média, R\$ 21 milhões investidos e, para o setor empresarial, o volume chegou a R\$ 26 milhões.

“Quando falamos em empresas, geralmente são as de pequeno porte. Temos poucas de grande porte em Roraima. Conseguimos ainda empregar R\$ 225 mil somente para MEI [microempreendedor] e emprestar para a agricultura familiar R\$ 6,2 milhões”, relatou. Todos os empréstimos são feitos pelo banco foram através do Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO), recursos subsidiados pelo governo federal que têm a taxa de juros abaixo do mercado e têm como objetivo contribuir para o desenvolvimento econômico da Região Norte.

Ximenes pontuou que a taxa de juros nos empréstimos, com a abertura de conta para pessoa jurídica, é de 2,35%. Já no FNO, para capital de giro, o valor cobrado é de apenas 0,60% ao mês. Ao realizar a abertura de conta e solicitar o empréstimo, é preciso apresentar um projeto para avaliação do banco e estar devidamente documentado nos demais órgãos fiscalizadores.



Ximenes afirma que o cenário econômico encontrado no Estado atualmente gera algumas instabilidades, mas entende que é uma situação atípica e pode melhorar no futuro (Foto: Nilzete Franco/Folha BV)

INADIMPLÊNCIA – No Banco da Amazônia, o gerente revelou que a inadimplência está em torno de 5% a 7% em Roraima, porém, garantiu que o número vem reduzindo nos últimos tempos.

A crise financeira estadual também foi um dos motivos para que a inadimplência continuasse. “Tudo é de acordo com o mercado. O não pagamento acaba afetando tanto as empresas quanto as pessoas físicas porque não vão conseguir honrar os pagamentos”, completou. Ximenes afirma que o cenário econômico encontrado no Estado atualmente gera algumas instabilidades, mas entende que é uma situação atípica e pode melhorar no futuro, conforme as opções de negociação junto ao banco. Segundo ele, de empréstimo

em todo o ano passado, o resultado foi de R\$ 5,1 bilhões e, para este ano, a expectativa é bater R\$ 9,3 bilhões.

“No Estado, contratamos R\$ 54 milhões. A média, nos últimos três anos, era de R\$ 25 milhões a R\$ 27 milhões e temos conseguido avançar mais. Está tendo esse crescimento, ainda mais com a colheita da soja, que traz muitos investimentos de fora para Roraima. No FNO, para 2019, a expectativa é de investir R\$ 90 milhões”, encerrou.

Banco do Brasil aponta questões energéticas como entraves



Principais setores que receberam investimentos foram o de grãos, mais precisamente a soja (Foto: Nilzete Franco/Folha BV)

Já o Banco do Brasil atua com linhas de Comercialização, Investimento e Custeio para a Agricultura Familiar e Agricultura Empresarial, contemplando pequenos, médios e grandes produtores. A nota enviada à reportagem não informou quanto de investimento foi feito durante 2018, mesmo com o banco sendo questionado.

Entretanto, a instituição afirmou que as fontes de recursos disponíveis variam conforme disponibilidade orçamentária, podendo contemplar recursos próprios com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) através do financiamento Finame. “Comparando com os desembolsos do mesmo período da última safra, observamos crescimento do agronegócio BB no Estado de Roraima”, apontou a nota.

Os principais setores que receberam investimentos foram o de grãos, mais precisamente a soja, e a bovinocultura. Porém, as dificuldades com questões de energia, titulação de terras e zoneamento ecológico econômico ainda são entraves para maiores investimentos na região. De acordo com o banco, a inadimplência tem se mantido estável e o ano de 2018 foi considerado positivo, tendo uma média de crescimento.

“Estamos otimistas quanto a 2019 com a possibilidade de regularização fundiária, que se ocorrer poderá incrementar positivamente os investimentos do setor no Estado”, encerrou a nota. (A.P.L)

<https://www.folhabv.com.br/noticia/Bancos-afirmam-que-questoes-energeticas-sao-entrega-para-RR/48584>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Folha Web (https://www.folhabv.com.br)	Boa Vista	Cidade	14/01/2018

POR ANO

RR tem capacidade de produzir mais de 200 toneladas de peixe

Principais espécies pescadas são o pacu, traíra, tupirata, tucunaré, branquinha e os dois considerados mais comuns, matrinxã e piranha

Por [Pedro Barbosa](#)

Em 14/01/2019 às 00:40



Municípios como Boa Vista e Mucajaí foram fundados tendo na pesca sua principal forma de comércio, graças a uma rica bacia hidrográfica que banha o Estado (Foto: Diane Sampaio/Folha BV)

A pesca é uma das atividades que mais contribuem para a economia de Roraima. Municípios como Boa Vista e Mucajaí foram fundados tendo nela sua principal forma de comércio, graças a uma rica bacia hidrográfica que banha o Estado e proporciona lucratividade tanto para o pescador como para a rede de restaurantes que trabalham com a criação de peixes.

De acordo com o presidente da Federação das Colônias de Pescadores de Roraima, Rafael Pinheiro, o Estado possui a capacidade de produzir mais de 200 toneladas de peixes por ano, apenas de forma artesanal. Apesar de ocorrer de março a junho a piracema, período de reprodução dos peixes em que a pesca é proibida, pescadores cadastrados no governo federal ganham um benefício durante a proibição.

"Eles devem prestar contas em relação aos peixes que pegaram de julho até fevereiro, como quantos quilos conseguiu e quais espécies capturaram. O benefício serve como uma forma de não prejudicar seu sustento durante a piracema", explicou.

Pinheiro destacou que, geralmente, as principais espécies pescadas são o pacu, traíra, tupirata, tucunaré, branquinha e os dois considerados mais comuns, matrinxã e piranha.

"Os peixes mais valiosos, que são aqueles que saem a R\$12 ou R\$ 14 no comércio, como é o caso do surubim e o cascudo, só são possíveis em locais mais isolados de centros urbanos. Inclusive, está cada vez mais comum o pescador viajar, gastar combustível, para pescar, devido aos problemas de segurança pública que vem ocorrendo nos últimos anos", comentou.

PREFERIDO – Quando se trata de criação em cativeiro, Rafael Pinheiro afirmou que o tambaqui é o líder disparado do setor. "É um peixe que dá muita 'assertividade' quanto a sua criação e qualidade. É uma espécie mais tranquila de controlar e alimentar e, quando bem cuidado, proporciona uma mercadoria muito segura de se comercializar. Aqui em Roraima, a exigência geralmente é por peixes que tenham até 2,5 quilos. No Amazonas, para onde se costuma exportar bastante da mercadoria, geralmente existe uma exigência de peixes com 3 ou 3,5 quilos", afirmou.

Para que esse produto seja bem-sucedido em sua venda, Pinheiro explicou que existe todo um ciclo de criação que demora cerca de sete meses para que o tambaqui esteja em tamanho ideal para consumo.

"A princípio, o peixe é alimentado por meio da artêmia em gotas. Quando ele estiver um pouco maior, a partir daí, começa o processo de engorda. Só que não se pode exagerar, se não o peixe pode perder o oxigênio de dentro da água e morrer. Outro fator importante é o pH da água, que precisa estar equilibrado entre 6 e 8", explicou.

O presidente da Federação das Colônias de Pescadores destacou que os peixes são vantajosos tanto na área da economia roraimense quanto para a própria saúde. "O peixe é um dos alimentos mais saudáveis que existem no nosso planeta. É uma carne branca, saudável e cheia de proteínas. E estamos em um local no mundo muito privilegiado quando se trata de ter acesso a esse alimento. Por isso, digo para a população apreciar o peixe e valorizar aquilo que é tão importante para o nosso Estado", recomendou.

INTERESSE – Perla de Souza, gerente de uma rede de restaurantes especializada em peixes, afirmou que o tambaqui, protagonista da maior parte das opções do cardápio, é originário de um criadouro da própria empresa.

"Nós temos um criadouro próprio de tambaquis, que fica nas margens do rio Mucajaí. Deixamos os peixes já pesados e levamos para uma linha de produção para que sejam temperados, cortados e embalados para irem para os restaurantes. Ou seja, eles são mandados já com uma garantia de estarem ao ponto para servir", informou.

Perla afirmou que o tambaqui é o carro-chefe da casa e é apreciado muito mais por quem vem de fora do que por roraimenses, devido ao fato de ser um prato leve com todo um tratamento para que seu sabor seja aguçado.

"É interessante ver que aqui em Boa Vista o tambaqui à delícia é nosso prato mais vendido, mas o pessoal também costuma pedir muito dourado [outra espécie de peixe], que vem toda semana para cá de caminhão do Amazonas. Já nos restaurantes que temos em Manaus, o tambaqui é disparado o que os manauaras mais pedem. E já atendemos pessoas que moram em cidades distantes, como São Paulo, e pedem para embalar para viagem de uma forma que dê para levar na mala de volta. O interesse pelo peixe daqui é muito forte por quem não é tão familiarizado com ele", afirmou. (P.B)

<https://www.folhabv.com.br/noticia/RR-tem-capacidade-de-produzir-mais-de-200-toneladas-de-peixe/48645>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Folha Web (https://www.folhabv.com.br)	Boa Vista	Cidade	14/01/2018

PRODUÇÃO LOCAL

Banana poderia ser exportada sem restrição, diz Emprapa

Por [Folha Web](#)

Em 14/01/2019 às 00:30



De acordo com Marcos Prill, engenheiro agrônomo da Aderr, o Estado tem algumas culturas com restrição de trânsito, mas outras são comercializadas normalmente (Foto: Priscila Torres)

LEO DAUBERMANN

Editoria de Cidades

O maior mercado consumidor de frutas de Roraima, quase na sua totalidade, é o Estado do Amazonas. Para conseguir exportar esses produtos é necessário seguir algumas normas que são ditadas, não só pelo Brasil, mas por vários tratados internacionais dos quais o país faz parte. São restrições de trânsito sanitário em caso de ocorrência de doenças e pragas.

De acordo com o engenheiro agrônomo da Agência de Defesa Agropecuária de Roraima (Aderr) Marcos Prill, o Estado tem algumas culturas com restrição de trânsito, mas outras são comercializadas normalmente. "Hoje, para o Amazonas, nós exportamos citros como limão-taiti e laranja, algumas espécies silvestres como o buriti, o açaí e o próprio tucumã, que é famoso no Amazonas pelo X-Caboquinho. Boa parte do produto comercializado é aqui de Roraima, além da banana, manga, goiaba e carambola", disse.

Ainda de acordo com o engenheiro agrônomo, no caso das espécies silvestres, não há nenhum tipo de restrição sanitária, podendo circular livremente. Mas algumas outras espécies, como citros, manga, goiaba, a própria carambola, têm restrições em decorrência da mosca da carambola, principal ameaça à fruticultura no Brasil. “Com a banana, nós já tivemos muitos problemas e hoje já não temos mais. Ela pode ser exportada livremente”, destaca.

Prill explica que a sigatoka negra, praga quarentenária que acomete a banana, tem incidência aqui em Roraima e no Amazonas, então a restrição da qual trata a instrução normativa diz respeito à forma de transporte. “Existe uma recomendação para se transportar a banana sem as culturais, quer dizer, sem folhas, sem a parte interna que a gente chama de mangará, do próprio cacho da banana”, ressalta.

Segundo Prill, a instrução normativa orienta o transporte da banana despalmada, no entanto o comércio do Amazonas tem interesse de receber a banana em cacho. “É uma questão cultural, boa parte da população ainda gosta de pendurar o cacho da banana e ir retirando conforme ela vai amadurecendo. Então, houve esse entendimento com o governo do Amazonas, já há bastante tempo, para transportar a banana desta forma. Mas se a banana fosse transportada para outro Estado, teria que ir desmembrada”, salienta.

EMBRAPA - A sigatoka negra não está erradicada e apesar da comercialização com o principal mercado consumidor da banana de Roraima, que é o Amazonas, não estar afetado, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) tem acompanhado produtores do Sul do Estado e afirma que o grande problema que impede a erradicação total da praga é a falta de conhecimento e resistência em aceitar novos tratamentos e cultivares.

De acordo com a fitopatologista Hyana Lima-Primo, entre as atividades da Embrapa está a diagnose de doenças de plantas causadas por bactérias, fungos e nematoides. “Já existe uma tecnologia definida para a cultura da banana, mas falta conhecimento tecnológico, então a gente acredita que é mais de assistência técnica que os produtores necessitam”, ressalta.

“Há uma grande ocorrência de várias doenças na bananicultura e essa é a parte que a Embrapa pode ajudar, como ensinar a fazer diagnose, treinar os técnicos da Secretaria de Agricultura, porque a gente acredita que eles podem contribuir bastante, mas é

necessária a capacitação periódica desses profissionais, porque sempre são lançadas novas variedades”, destaca Hyana.

A pesquisadora conta que, recentemente, foi a Manaus para uma capacitação com um pesquisador experiente na área de bananicultura e acabou tomando conhecimento de novas espécies de bananas, mais resistentes às doenças, que poderiam substituir as plantadas atualmente em Roraima, entanto, alguns produtores não recebem bem a novidade.

“Os produtores não aceitam muito essas cultivares, porque acreditam que o mercado tem mais preferência pelo sabor daquelas que já cultivam. É falta de conhecimento mesmo, porque provei as bananas e, sinceramente, não consegui distinguir muita diferença, o sabor é bem agradável”, ressaltou Hyana.

A pesquisadora destaca que é necessário quebrar a resistência desses produtores para que possam aceitar, pelo menos, a adoção de novas tecnologias, no combate às pragas.

“A alternativa que a gente teria é aplicação de fungicida para controlar essas doenças. Aí tem vários problemas, porque a gente tem fungicidas sistêmicos, protetores, e como o clima é muito quente, úmido, a aplicação precisa ser feita o ano inteiro e o custo acaba ficando muito elevado para o produtor”, explica.

A pesquisadora ressalta que a Embrapa encontrou uma alternativa mais eficaz e com custo-benefício muito mais vantajoso. “É uma injeção de um fungicida na axila da segunda folha da banana, sendo uma aplicação a cada 60 a 75 dias, muito viável ao produtor, já que da forma como é aplicada usualmente, precisa ser reaplicada em 14 dias. O gasto acaba sendo grande, não só com o produto, mas com mão de obra. Ela é aplicada direto na planta, não contaminando o meio ambiente, e há economia de tempo e de dinheiro”, salienta.

Além de cobrir os custos, existem outras vantagens em usar a injeção de fungicida. “A forma tradicional de aplicar os fungicidas, por meio de pulverizador, além de contaminar o próprio aplicador, parte do produto se perde levado pelo vento e no solo. Com a nova tecnologia, a banana fica mais sadia, produz muito mais frutos por cachos, tendo um retorno econômico considerável”, destaca.

De acordo com a pesquisadora, a Embrapa vai contatar a Secretaria Estadual de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), solicitando o apoio necessário para a

divulgação das novas espécies de bananas e também das descobertas no combate às pragas.

“Já que os produtores não aceitam as cultivares que são lançadas, a injeção na axila da bananeira seria a alternativa mais recomendada. Gostaríamos muito de contar com o apoio da Secretaria de Agricultura, para que possamos capacitar os técnicos de expansão rural, fazer um trabalho em conjunto, para levar aos produtores”, completa Hyana.

<https://www.folhabv.com.br/noticia/Banana-poderia-ser-exportada-sem-restricao--diz-Emprapa/48642>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Roraima em Foco (https://roraimaemfoco.com)	Boa Vista	Variedades	14/01/2018



INVESTIDORES MUÇULMANOS VISITAM RORAIMA COM OLHOS NA EXPORTAÇÃO PARA O MERCADO HALAL



Os muçulmanos consomem apenas alimentos e produtos preparados de acordo com as orientações da lei islâmica, os chamados Halal - Foto: Fernando Oliveira

A produção de alimentos em Roraima tem chamado atenção de diversos mercados internacionais, um deles é o muçulmano. O presidente da Fambras (Federação das Associações Muçulmanas do Brasil), Mohamed Hussein El Zoghbi, está em Roraima para conhecer o processo visando a exportação de produtos locais para o mercado muçulmano. A ação ocorreu ao longo desta sexta-feira, dia 11.

Esse nicho, que corresponde a um terço de todo o mercado consumidor mundial, adquire apenas produtos fabricados de acordo com as orientações da lei islâmica, os chamados halal.

O titular da Seplan (Secretaria de Planejamento de Desenvolvimento) Marcos Jorge, que coordenou a visita do grupo de investidores muçulmanos em Roraima, explicou que essa população corresponde a um terço do mercado consumidor do mundo. Espalhados pelos cinco continentes, eles somam 1,8 bilhão de pessoas.

“Os produtos halal precisam de uma certificação de organismos de controle de qualidade muçulmanos para que sejam exportados. A Fambras possui uma empresa que atua

justamente nesse ramo de emissão de selo halal. É muito importante para Roraima conquistar esse nicho, que movimenta somente no Brasil cerca de R\$ 1 bilhão por ano”, disse o secretário.



Em Roraima, o presidente da Fambras visitou um frigorífico de abate de bovinos e uma usina de beneficiamento de arroz. Ele afirmou que o Estado tem potencial para se tornar um exportador de alimentos para o mercado muçulmano. “O Brasil é hoje o terceiro maior exportador de produtos halal do mundo, perdendo apenas para a China e os Estados Unidos. Iremos verificar a possibilidade real de podermos habilitar Roraima por meio de autoridades internacionais e islâmicas para começar a exportar e também fazer parte deste mercado”, detalhou.

Além de a possibilidade de exportar produtos, El Zoghbi afirmou que Roraima é um Estado geograficamente estratégico, fator que pode atrair investidores de mercados nacionais e internacionais. “A proximidade de mercados internacionais, a diminuição do custo de logística, isso tudo reflete de forma positiva. Vejo que o Estado tem um potencial muito grande para fazer parte desse mercado”, afirmou.

Fambras

A Fambras possui uma empresa que atua na certificação de produtos Halal no Brasil. O trabalho é realizado desde 1979, como um Organismo de Certificação Halal para produtos no Brasil. A empresa é pioneira na implantação do Sistema Halal no Brasil, seguindo as principais normas internacionais.

Isaque Santiago

<https://roraimaemfoco.com/investidores-muculmanos-visitam-roraima-com-olhos-na-exportacao-para-o-mercado-halal/>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Roraima em Foco (https://g1.globo.com)	Brasília	Economia	14/01/2018

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/14/mercado-eleva-previsao-de-crescimento-do-pib-para-este-ano.ghtml>

[globo.com](#) | [g1](#) | [globoesporte](#) | [gshow](#) | [videos](#)

ASSINE JÁ | MINHA CONTA | E-MAIL | ENTRAR

MENU | **G1** | ECONOMIA | BUSCAR

Mercado eleva previsão de crescimento do PIB para este ano

Relatório Focus divulgado pelo Banco Central prevê crescimento da economia de 2,53% para 2,57% em 2019. Os economistas não alteraram as previsões para 2020 e 2021.

Por Laís Lis, G1 — Brasília
14/01/2019 09h11 Atualizado há uma hora

Os analistas do mercado financeiro **melhoraram a previsão de crescimento da economia** em 2019, segundo dados divulgados pelo Banco Central (**BC**) nesta segunda-feira (11). Os economistas também aumentaram a previsão para a taxa de inflação deste ano.

De acordo com dados do relatório de mercado, conhecido como Relatório Focus, a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (**PIB**) em 2019 passou de 2,53% para 2,57%. Já a previsão da inflação passou de 4,01% para 4,02%.

O Relatório Focus é resultado de levantamento feito na semana passada com mais de 100 instituições financeiras.

ESTIMATIVAS DO RELATÓRIO FOCUS

PREVISÃO	2018	2019
Produto Interno Bruto (PIB)	1,3%	2,57%
Inflação	3,69%	4,02%
Taxa básica de juros (Selic)	6,5%	7%

Fonte: Banco Central

Próximos anos

Os economistas dos bancos não alteraram as previsões de crescimento do PIB e da inflação para 2020 e 2021. Para 2020, a previsão é que a inflação fique em 4% e que a economia cresça 2,5%.

Já para 2021 a previsão de crescimento do PIB é de 2,5% com uma inflação de 3,75%.

Taxa básica de juros

O mercado manteve 7% ao ano a previsão para a taxa de juros, a Selic, no fim deste ano.

Atualmente, o juro básico da economia está em **6,50% ao ano**, na mínima histórica.

O Comitê de Política Monetária (**Copom**) do Banco Central se reúne a cada 45 dias para definir a taxa Selic, com base no sistema de metas de inflação.

Outras estimativas

- **Dólar** - A projeção do mercado financeiro para a taxa de câmbio no fim de 2019 ficou estável em R\$ 3,80 por dólar.
-
- **Balança comercial** - Para o saldo da balança comercial (resultado do total de exportações menos as importações), a projeção de superávit em 2019 subiu de US\$ 52 bilhões para US\$ 52,24 bilhões.
-
- **Investimento estrangeiro** - A previsão do relatório para a entrada de investimentos estrangeiros diretos no Brasil, em 2019, subiu de US\$ 79,5 bilhões para US\$ 80 bilhões.

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/14/mercado-eleva-previsao-de-crescimento-do-pib-para-este-ano.ghtml>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Site Roraima em Foco (https://g1.globo.com)	Brasília	Economia	14/01/2018

← → ↻ <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/14/mercado-eleva-previsao-de-crescimento-do-pib-para-este-ano.ghtml> ☆ S

[globo.com](#) | [g1](#) | [globoesporte](#) | [gshow](#) | [videos](#) ASSINE JÁ MINHA CONTA E-MAIL ENTRAR

MENU **G1** ECONOMIA Q BUSCAR

Exportações da China têm maior queda em 2 anos, mas superávit comercial com os EUA cresce

Vendas para outros países encolheram 4,4% por cento na comparação com o ano anterior, enquanto que as importações caíram ainda mais, 7,6%, o que reforça as preocupações com a desaceleração da economia global

Por Reuters

14/01/2019 07h33 Atualizado há 3 horas

As exportações da China caíram inesperadamente pelo ritmo mais forte em dois anos em dezembro, enquanto as importações também contraíram, indicando mais fraqueza na segunda maior economia em 2019 e deterioração da demanda global. Dados divulgados nesta segunda-feira também mostraram que a China teve em 2018 o maior superávit comercial com os Estados Unidos já registrado, o que pode levar o presidente norte-americano, Donald Trump, a ampliar as ameaças sobre Pequim em sua disputa comercial.

Entenda a guerra comercial e seus possíveis impactos

Alguns analistas já especulam que Pequim pode ter que acelerar e intensificar suas políticas de afrouxamento e medidas de estímulo este ano, após a atividade industrial ter encolhido em dezembro.

As exportações da China em dezembro encolheram inesperadamente 4,4% na comparação com o ano anterior, com a demanda na maioria de seus principais mercados enfraquecendo. As importações também surpreenderam, encolhendo 7,6%, em seu maior declínio desde julho de 2016.

Analistas esperavam que o crescimento das exportações desacelerasse a 3%, com as importações avançando 5%.

"Os dados de hoje refletem um fim ao adiamento dos carregamentos e o início dos efeitos de rebote, enquanto a desaceleração global pode também pesar sobre as exportações da China", escreveram economistas do Nomura em nota, referindo-se ao aumento dos embarques para os EUA durante a maior parte do ano passado, conforme as empresas correram para se antecipar às tarifas.

Os índices acionários chineses fecharam em queda nesta segunda-feira, após os dados redorçarem as preocupações com a desaceleração econômica e a fraqueza na demanda global. O índice CSI300, que reúne as maiores companhias listadas em Xangai e Shenzhen, recuou 0,87%, enquanto o índice de Xangai teve queda de 0,71%.

Superávit com os EUA aumenta

O superávit da China com os EUA aumentou no ano passado em 17,2%, para US\$ 323,32 bilhões, o mais elevado já registrado desde 2006, de acordo com cálculos da Reuters baseados em dados da alfândega. O grande superávit comercial da China com os EUA é há tempos um ponto sensível com Washington, que tem exigido que Pequim adote medidas para reduzi-lo com força.

As exportações da China para os Estados Unidos aumentaram 11,3%, enquanto as importações mal avançaram 0,7% em relação a 2017, quando o superávit comercial ficou em US\$ 276 bilhões, destaca a agência France Presse.

No entanto, as medidas da Casa Branca estão tendo um impacto, pois as exportações chinesas para os Estados Unidos estagnaram no mês passado.

Esses dados, publicados pela Administração Aduaneira da China, são divulgados depois que uma delegação dos Estados Unidos fez uma visita de três dias a Pequim na semana passada, no **primeiro encontro presencial entre representantes dos dois países** desde Donald Trump e Xi Jinping concordaram com uma trégua de 90 dias para resolver a crise em dezembro.

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/14/exportacoes-da-china-tem-maior-queda-em-2-anos-mas-superavit-comercial-com-os-eua-cresce.ghtml>

VEICÚLO DE COMUNICAÇÃO	CIDADE	EDITORIA	DATA
Valor Econômico (https://www.valor.com.br)	Brasília	Brasil	14/01/2018

14/01/2019 às 05h00 1 UE deve restringir a compra de sete tipos de aço do Brasil

Por Assis Moreira | De Genebra



Marco Polo Lopes: "Toda limitação é ruim e ratifica a turbulência enorme que o mercado global de aço vem vivendo"

A União Europeia (UE) deverá impor limites à entrada de sete produtos siderúrgicos exportados pelo Brasil para seus países-membros a partir de 2 de fevereiro, por meio de uma salvaguarda para proteger produtores locais e ilustrando a guerra de mercado nesse segmento.

Bruxelas já notificou à Organização Mundial do Comércio (OMC) seu esquema para restringir as importações de 28 produtos siderúrgicos pelo período de três anos, atingindo principalmente a China. O mercado europeu foi o destino de 18,1% das exportações brasileiras de aço em 2017. A medida europeia precisa ser aprovada formalmente pelos países-membro A votação ocorrerá na quarta-feira, 16.

Alguns setores divergem da medida. Construtores de automóveis qualificam o plano europeu de protecionista e reclamam que vão ter prejuízos, porque o aço poderá custar mais. Já a Eurofer, que representa a siderurgia europeia, incluindo ArcelorMittal e ThyssenKrupp, defende a decisão. Os principais exportadores para a UE, e os mais atingidos, serão Rússia, Coreia do Sul, Turquia e Ucrânia

Por sua vez, o Brasil é atingido em sete dos 28 produtos que terão suas importações limitadas: laminados planos a quente, laminados planos a frio, folhas metálicas, chapas grossas, laminados planos de aço inoxidável, perfis e outros tubos sem costura. A UE estabeleceu cota específica para três produtos brasileiros, utilizando a média de importação limitadas: laminados planos a quente, laminados planos a frio, folhas metálicas, chapas grossas, laminados planos de aço inoxidável, perfis e outros tubos sem costura.

A UE estabeleceu cota específica para três produtos brasileiros, utilizando a média de importação de 2015-2017 e dando aumento de 5% a cada ano no volume importado. O que passar da cota sofre taxa de 25%.

A primeira cota é para laminados planos a frio. A cota para o Brasil foi fixada em 168,2 mil toneladas a partir de julho. Depois o volume aumenta para 176,6 mil toneladas.

A segunda é para folhas metálicas. O Brasil poderá exportar 50,7 mil toneladas dentro da cota a partir de julho, por um ano, passando depois para 53,2 mil toneladas.

A terceira está ligada a perfis de aço, com volume de 22 mil toneladas, crescendo depois para 23,1 mil toneladas.

A limitação da exportação de laminados planos a quente, um dos principais produtos, na prática não muda nada para o Brasil. É que esse tipo de aço já está submetido a taxa antidumping, o que inviabiliza suas vendas no mercado europeu.



Com relação à chapa grossa, de grande interesse brasileiro, o Brasil vai disputar dentro de uma cota-mundo de 1,2 milhão de toneladas. Como os principais exportadores, como Rússia e Ucrânia, terão cotas específicas, a expectativa é de que não será tão difícil ao Brasil abocanhar fatias desse segmento.

Já no caso de laminados a quente de aço inoxidável o volume de importação fixado pela UE é considerado largamente insuficiente. A indústria siderúrgica brasileira pediu para o Itamaraty lutar a fim de obter dos europeus uma cota específica.

No geral, a situação do Brasil é menos desconfortável que a de vários outros países, até porque boa parte de suas exportações siderúrgicas para a Europa é de aço semiacabado, que está excluído do plano de restrições.

"Mas essa situação sempre é ruim, pois restringe o potencial exportador de nossas empresas", diz Marco Polo de Mello Lopes, presidente do Instituto Aço Brasil. "Toda limitação é ruim e ratifica a turbulência enorme que o mercado global de aço vem vivendo e que leva a práticas predatórias", afirma.

O executivo destaca o excesso global de capacidade de 530 milhões de toneladas, que representa dez vezes a capacidade da siderurgia brasileira. Mais de 50% desse excesso está na China. Depois, diz, veio a sobretaxa de 25% imposta por Donald Trump para fechar o mercado americano, alegando razões de segurança nacional.

Em seguida veio o mundo inteiro tentando proteger os produtores domésticos com medidas de defesa comercial, para evitar serem inundados pelo aço que não pode ser vendido aos EUA. "A única região que está aberta é a América Latina. O Brasil não tem nenhuma medida de restrição", diz Marco Polo.

Ele afirma que o grande receio da siderurgia brasileira é que o excesso de aço no mundo vai procurar mercado que está aberto. E fala já em inundação do produto chinês no Brasil. "A China representava 1,3% de nossas importações de aço em 2000. Em 2018, aumentou para 38%", afirma. "O mundo siderúrgico continua vivendo uma efervescência, a guerra de mercado existe", acrescenta. Nesse

CLIPPING



cenário, a siderurgia brasileira mostra inquietação com discursos de abertura comercial que já vinha do governo Temer e continua com Bolsonaro.

"Nosso setor tem defendido que, para abrir mais a economia, o governo tem de fazer o dever de casa e corrigir assimetrias competitivas. O Brasil tem a energia mais cara do mundo, juro ainda elevado, custos enormes. A discussão, no momento, deve ser muito mais sobre a competitividade sistêmica".

https://www.valor.com.br/brasil/6062557/ue-deve-restringir-compra-de-sete-tipos-de-aco-do-brasil?origem=G1&utm_source=g1.globo.com&utm_medium=referral&utm_campaign=materia